

“Não me cabe conceber nenhuma necessidade tão importante durante a infância de uma pessoa do que a necessidade de sentir-se protegido por um pai.”

S. Freud

Em agosto, no Brasil, comemora-se o dia dos Pais, data festejada em mais de 13 países e originada nos Estados Unidos em 1910.

Ser pai nos tempos atuais tem tomado dimensões antes impensáveis e até inaceitáveis para uma sociedade patriarcal. Antes era o total responsável pelo sustento da família, e socialmente o que obtinha maior destaque. Hoje, este cenário se altera, dando espaço para as mães assumirem parte do controle financeiro, ou em alguns casos, o controle total. Mas ser pai transpassa o ato de cumprir regras ou papéis instituídos pela sociedade, seja do modelo patriarcal ou outro qualquer, é indiferente ao sistema político e econômico.

A psicóloga e psicanalista Karin Kepler Wondracek fala ao Mente Corpo sobre o desafio atual e a importância do pai:

“Muito se tem falado da importância da mãe nos primeiros anos de vida, a ponto de responsabilizá-la por todos os acertos e equívocos da vida de seus filhos. Exageros à parte, desde Freud sabemos que as primeiras pessoas que nos cuidam são essenciais para o desenvolvimento humano.

E o pai? Qual seu papel? Se com Freud seu papel foi colocado em destaque, parece que posteriormente, com o avanço social conquistado pela mulher, a sociedade não conseguiu manter a importância dos dois para o desenvolvimento dos filhos.

Freud, além de ressaltar a função da mãe, também deu muita importância ao papel do pai, o que foi mais tarde desenvolvido por Lacan, sob o nome de função paterna. Várias considerações sobre a função do pai:

O pai participa da geração do filho, logo também deve se responsabilizar por este novo ser. Responsabilidade que é material (sustento), emo-

cional (amparo) e ética (educação). Alguns âmbitos do papel do pai:

1. Dar o seu nome para o filho – registrando no papel sua função paterna

2. Amparar a mãe na sua dedicação ao bebê – a mulher, antes e logo após o parto, está totalmente voltada ao bebê, e precisa de apoio externo para poder se dedicar ao seu filho recém nascido. O pai é o amparo à mãe e ao filho, e assim facilita a adaptação de todos ao pequeno recém-chegado.

3. Cuidar do seu filho desde pequeno. Se antigamente se cria que apenas as mulheres (mãe e avó) podiam manejar o bebê, agora se tem a experiência de que quanto antes o pai participar, mais intimidade terá com seu filho, o que perdura durante toda vida. E, ao mesmo tempo, aliviará a carga da mãe, que não se sentirá tão assoberbada com seu bebê.

4. Cortar a simbiose entre a mãe e bebê: Chega um momento no qual o bebê e a mãe já não necessitam da intimidade dos primeiros dias: o alimento já não é fornecido apenas pelo corpo da mãe, e a curiosidade do bebê está ávida pelo mundo. Aqui entra a função paterna, segundo Lacan: ao mesmo tempo em que “corta” o vínculo simbiótico entre a mãe e seu filho, “liberta” este filho para a vida, pois já não precisa ficar “grudado” na mãe e receber tudo dela.

Sem esta função paterna, o bebê corre o risco de ficar preso à mãe, o que obstaculiza seu desenvolvimento psíquico e até intelectual. Não é por nada que temos as expressões “criança na barra da saia da mãe”, ou “filhinho da mamãe” para significar estas crianças que não conseguiram se libertar ou serem libertadas por um pai suficientemente amoroso e forte.



Claiton Dornelles/Divulgação

A função paterna também depende da mãe – de ela reconhecer o valor deste homem, e de não desfazer suas tentativas de se “meter” dentro da relação mãe-filho, transformando uma dupla num trio.

Mas se não houver pai presente? Para Lacan a função paterna é exercida por qualquer elemento da cultura que faça a função de “corte”: tudo aquilo que faça o olho da mãe brilhar e que a afaste da criança, já tem essa função: outra criança, outra atividade, um trabalho, qualquer coisa que mostre à criança que ela não é “única” fonte de prazer da mãe.

Vivemos em tempos ambíguos: por um lado, encorajamento da participação do pai; por outro, muitos casamentos desfeitos com filhos carentes da presença paterna. Precisamos repensar nosso modo de ser; precisamos como cultura valorizar a participação dos pais na educação de seus filhos, e para isso é necessário o esforço conjunto: a mãe que convide seu parceiro para ser pai desde a primeira hora, a cultura que promova encontros significativos entre pais e filhos, e o Estado que promulgue leis que favoreçam estes encontros organizadores.”

O Jornal Mente Corpo compartilha relatos sobre a experiência de ser pai. Confira abaixo.



Para Saramago “ser pai é o maior ato de coragem que alguém pode ter, porque é se expor a todo o tipo de dor, principalmente da incerteza de estar agindo corretamente e de perder algo tão amado”.

Eu acrescentaria: “é também, se expor a todo o tipo de alegria que uma existência humana pode ter, quando a relação pai-filho é cercada de respeito mútuo e de amor”.

Dr. Cesar Costa - Médico



“Ser pai é agir como um engenheiro que orienta a construção do caráter e da fibra dos filhos, financiando com eles alicerces sólidos que resistam aos terremotos do inesperado e garantam uma vida produtiva, elevada e feliz.”

Ricardo Azeredo - Jornalista - consultor de mídia, diretor da CrossMedia Comunicação Objetiva



Acervos Pessoais

“Fui pai aos 18 anos. Particularmente ser pai jovem foi muito bom. Tive amparo da minha família e amigos e isso foi confortante. Saber que podemos contar com nossos familiares e pessoas das quais gostamos. Adquirir responsabilidades e amadurecimento e essa criança linda uniu nossa família como nunca. Tenho orgulho em acompanhar o crescimento da minha filha.”

Rodrigo Bastos Soares – Personal Trainer – 31 anos